

# O BUFALO COMO ANIMAL DE FAZENDA

PROF. OCTAVIO DOMINGUES

Catedrático de Zootecnia da Escola Nacional de Agronomia

SUMMARY

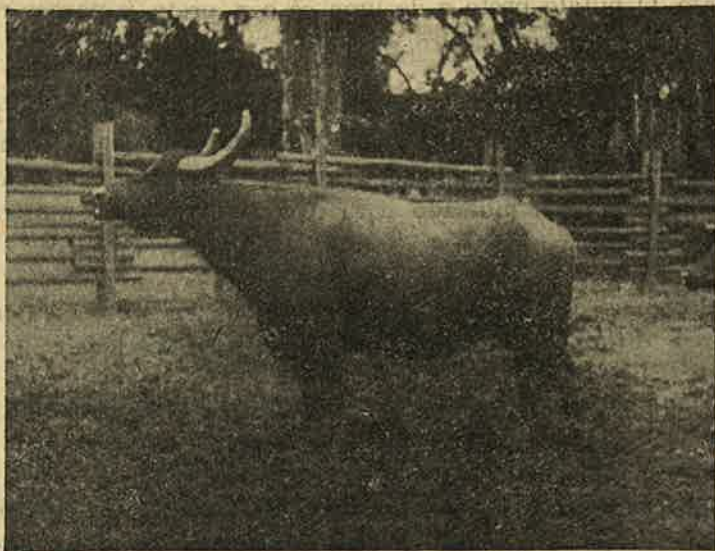
Nota-se, ultimamente, um crescente interêsse pelos búfalos domésticos, como animais capazes de aumentarem a produção e a renda de uma exploração pecuária. E por isso dizem muitas coisas a favor e também contra o búfalo, nem sempre baseando-se tais afirmativas na observação dos fatos ou na experiência.

O búfalo há muito que é criado no Brasil, na ilha de Marajó, em certa escala, e em outros pontos do Brasil como ensaios nem sempre continuados. Em Marajó, entretanto, desde 1906 que se criam búfalos na larguesa de seus campos, e há mais de um decênio vem êle sendo objeto de mais atenção, entrando seus produtos no rol das utilidades dadas a consumo: carne e couros.

Procurando estabelecer um conceito mais aproximado da realidade é que resumo aqui alguns dados a respeito desta espécie de bovida doméstico, criado no Brasil, e capaz de vir a ser um fator de prosperidade pecuária em certas zonas pastorís.

Antes de tudo falemos sôbre a domesticidade do búfalo. Na verdade o *Bos bubalus* ainda continua uma espécie em semi-domesticidade, visto como sua criação e seleção, no sentido de apurar suas aptidões para a domesticidade, parece não terem merecido muita atenção. Sua criação sempre tem sido feita num regime extensivo, e pois onde os acasalamentos dirigidos por uma sábia escolha de reprodutores não se verificou.

Mas é um animal capaz de adquirir mansidão tão bem como o zebú, e oferecer ao seu criador tôdas as vantagens para sua exploração. Sendo costeado desde cedo, sua criação e exploração não oferecem embaraços. Não se trata, pois de uma espécie selvagem ou bravia, indomável. Quando amansado é muito dócil e fácil de lidar.



Búfala leiteira, variedade preta. Fazenda Santa Rita. Prop. A. P. Martins — Foto. O. Domingues

Diz-se, geralmente, que o búfalo não respeita cêrcas. Isto só ocorre ou quando se asselvajou, ou quando está faminto e não encontra no meio onde o puseram elementos para viver como deve viver.

Outra acusação ou depreciação do búfalo, como espécie doméstica, é que êle derruba moirões, quando não esteio das casas, coçando-se. Se êle fôr amansado e sua pele cuidada e livre de ecto-parasitos (os piolhos o perseguem comumente), nada disso ocorrerá como é de minha observação em pequenas criações onde os animais são bem cuidados e não sujeitos à deficiência de alimentação.

Há, no Brasil, duas variedades de Búfalos, — o *rosilho* e o *preto*, com certas diferenças testificadas pelos criadores em Marajó. O búfalo preto é de uma só côr, preta, e parece mais manso e bem mais leiteiro.

Os búfalos *rosilhos* apresentam pêlos claros sôbre a pele preta e têm uma lista branca na base do pescoço, e os membros são calçados. Seu porte é maior, arrobando mais carne, e por isso é mais indicado para o corte. O *rosilho* mostra-se menos dócil.

Como as duas variedades são criadas em promiscuidade, torna-se difícil estabelecer, com rigor, essa distinção.

Tomando os dados registados no Matadouro de Belém, para se ter uma ideia do pêso do búfalo como animal de corte, verifica-se a média de 523 kg. de peso vivo, numa matança de 433 cabeças de tôdas as idades. Indiscutivelmente êle pesa muito mais do que um zebuino, oferecendo mais carne em menos tempo.

A carne do bubalino é de coloração vermelho-escura, bem mais escura do que a do boi ou do zebuino, como tive ocasião de verificar. Sua gordura é tipicamente branca. Dêste modo é fácil de apontar, no tendal, qual a carcassa de búfalo e qual não é. Preparada como a carne bovina, seu sabor é agradável. Sômente o aspecto das fibras musculares nos indica uma textura mais grosseira.

O rendimento da carne retalhada alcança 50% do peso vivo (mais vezes, menos), pouco ultrapassando êste limite. De 433 búfalos abatidos em 1947 no Matadouro Maguarí (Belem-Pará), para consumo da população da capital, foram apurados 110.687 kg de carne, para um pêso vivo total de 216.593 kg. Isto dá média, já citada, de 523 kg. de pêso vivo por cabeça, e a média de 255 kg. de carne, correspondendo ao rendimento de 48,7% do pêso vivo.

Seu couro pesa mais do que o dos bovinos e zebuinos, regulando 49 a 56 kg. o que representa 10 a 12% do pêso vivo. E' um couro apreciado pela indústria, tendo mesmo certa utilização particular, no que se mostra insubstituível.

O búfalo criado em Marajó não é, em geral, uma rês leiteira. Pode-se mesmo dizer que, em um rebanho comum, sem escolha, criado extensivamente, o que se pode tirar em média, são uns 2 a 4 litros por cabeça de rês leiteira, deixando-se uma parte para a cria. Ha, todavia, linhagens mais produtivas, onde se tiram 6 a 10 litros em uma só ordenha. Mas não é comum.

A riqueza butirosa do leite da búfala é bem conhecida. Verifica-se uma média acima de 7%, em análises procedidas na Inspetoria Regional de Belem, em Soure, Marajó.

A coloração do leite é nitidamente branca porcelana, apresentando ligeiro almiscar, que desaparece com a fervura, ou quase. Sòmente um paladar apurado ou prevenido distinguirá êsse leite de outro fervido nas mesmas condições. A coalhada se assemelha à do leite de vaca, distinguindo-se pela presença de uma pronunciada camada de nata. Mas o sabor é o mesmo.

Trata-se de uma espécie rústica por excelência. Não sofre em Marajó, diz-se, nem mesmo o ataque de certos inimigos naturais de bovinos e zebuinos, tais como o jacaré e as piranhas. Fala-se, porém na sua pouca resistência ao ataque da aftosa.

Tais são, num exame de relance, as principais características desta espécie doméstica, típica das regiões tropicais.